

SARA OLIVEIRA ALMEIDA*
Universidade de Coimbra, CEAACP
sara_almeida11@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9158-7665>

RAQUEL VILAÇA
Universidade de Coimbra, CEAACP, Faculdade de Letras, Instituto de Arqueologia
rvilaca@fl.uc.pt
<https://orcid.org/0000-0003-0019-7256>

ANA MARIA SILVA
Universidade de Coimbra, Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Departamento de Ciências de Vida, Laboratório de Pré-história | Universidade de Lisboa
amgsilva@antrop.uc.pt
<https://orcid.org/0000-0002-1912-6581>

CLEIA DETRY
Universidade de Lisboa, UNIARQ, Faculdade de Letras
cleiadetry@campus.ul.pt
<https://orcid.org/0000-0002-5359-2500>

SÓNIA FILIPE
Universidade de Coimbra, Reitoria, GNI (Gabinete para as Novas Instalações)
sonia.filipe@uc.pt
<https://orcid.org/0000-0003-3092-5824>

* Bolseira da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/129227/2017). Doutoranda na Univ Coimbra.

VESTÍGIOS DA OCUPAÇÃO DO FERRO ANTIGO DE COIMBRA (PORTUGAL) E O MITO FUNDACIONAL DO LOCAL

EVIDENCES OF THE EARLY IRON AGE OCCUPATION OF COIMBRA (PORTUGAL) AND THE FOUNDATIONAL MYTH OF THE PLACE

“Conimbriga” LX (2021) p. 67-105

http://doi.org/10.14195/1647-8657_60_2

Texto recebido em / Text submitted on: 21/01/2021

Texto aprovado em / Text approved on: 29/07/2021

RESUMO: Apresenta-se o primeiro e para já único contexto conhecido da I Idade do Ferro de Coimbra. Reporta-se a uma intervenção arqueológica de salvaguarda realizada no Largo de D. Dinis, em 2008. Neste local identificou-se um depósito estratigráfico pouco extenso, encerrando espólio cerâmico e restos ósseos humanos e faunísticos. Embora modesto e desgarrado, o conjunto resulta desconcertante pelas questões que levanta quanto à natureza do achado – afigurando-se como um possível depósito fundacional. Para mais, a sua relevância objectiva-se na confirmação da ocupação sidérica antiga da cidade, reunindo-se assim Coimbra às destacadas referências do período orientalizante do Baixo Mondego.

PALAVRAS-CHAVE: Coimbra; I Idade do Ferro; Depósito de restos humanos; Zooarqueologia.

ABSTRACT: This work focuses on the first, and for now the only, known context of the Early Iron Age of Coimbra. The discovery concerns an archaeological survey carried out in 2008 at D. Dinis square where a modest stratigraphic deposit containing ceramic sherds as well as human and faunal remains was identified. Although few and isolated, the contents of the deposit raise questions regarding the nature of the finding which is suggestive of a foundational deposit of human remains. Above all, these new data are important in that they confirm an Early Iron Age occupation in the city. Coimbra at last joins the highlighted references from the Orientalizing period of the Lower Mondego.

KEYWORDS: Coimbra; Early Iron Age; Deposit of human remains; Zooarcheology.

VESTÍGIOS DA OCUPAÇÃO DO FERRO ANTIGO DE COIMBRA (PORTUGAL) E O MITO FUNDACIONAL DO LOCAL

Introdução

Denunciada por escassos testemunhos avulsos, a face oculta da Coimbra pré e proto-histórica tarda em revelar-se. É certo que o achado de peças isoladas, como uma ponta de projectil calcolítica recolhida na Alcáçova (MANTAS, 1980; PINTO, 1993; VILAÇA, 2016: 30), ou de proveniência duvidosa, como o colar de ouro do Bronze Final atribuído a Coimbra (ARMBRUSTER e PARREIRA, 1993: 72-73), acusavam a existência de instalações humanas antigas nestas paragens. A estes horizontes longínquos reportar-se-iam ainda os achados na gruta dos Alqueves, na outra margem do Mondego, neste caso perfeitamente contextualizados e de cariz funerário (VILAÇA e RIBEIRO, 1987, com bibliografia anterior). Note-se, contudo, que pese embora os demais indícios patentes na etimologia, historiografia antiga e particulares condições geográficas da cidade, ainda no último quartel do séc. XX se encontrava por comprovar a ocupação sidérica de *Aeminium* (ALARCÃO, 1979: 25).

A confirmação material da ocupação do sítio à chegada dos contingentes romanos substancia-se com a aplicação da actual legislação patrimonial, visando acautelar os vestígios arqueológicos da voragem das operações urbanísticas. De forma gradual, os materiais recolhidos no tecido urbano (mesmo que em depósito secundário) permitiram ir recuando a antiguidade do lugar: num primeiro momento, à II Idade do Ferro (FRADE e CAETANO, 1994; CARVALHO, 1998; FILIPE, 2006; ALMEIDA *et al.*, 2011) e, depois, a meados do I milénio a.C. (ALMEIDA *et al.*, 2015). Ainda assim, sobravam as incertezas sobre a consistência desta fase proto-histórica, i.e., se gozou de carácter estável e contínuo ou se se manifestou em episódios ocupacionais descontinuados.

No seio desta temática, os achados de 2008 e que aqui se publicam permitem ampliar e cimentar o arco cronológico da ocupação da colina genética de Coimbra e reforçam o papel deste sítio no quadro do povoamento regional antigo.

Em plena Alta de Coimbra, na zona do antigo Castelo, monumentalizada pelo Estado Novo como átrio de acesso à Cidade Universitária, decorreu, naquele ano, a intervenção arqueológica de avaliação e diagnóstico ao projecto de um Parque de Estacionamento Subterrâneo no Largo de D. Dinis¹ (FIG. 1).

O presente artigo versa precisamente sobre os testemunhos proto-históricos identificados nesta intervenção correspondentes a um depósito estratigraficamente circunscrito formado por um modesto lote de cerâmica e um conjunto ósseo onde se incluem restos osteológicos humanos e faunísticos.

A intervenção arqueológica no Largo de D. Dinis

As profundas transfigurações da fisionomia e topografia deste espaço explicam que poucos restos arqueológicos tenham resistido à acção destrutiva das obras modernas e contemporâneas, conforme se depreende da intervenção arqueológica realizada (FILIPE e TEIXEIRA, 2013).

Contrastando com a regularidade da modelação actual, este seria, em tempos, um dos pontos mais proeminentes do centro histórico de Coimbra, marcado por escarpas e declives acentuados. Tanto quanto é possível recuar no desenho da sua evolução urbanística, em Época romana o espaço seria dominado pelo *Castellum aquae* (abastecido pelo aqueduto) e por uma das portas de acesso à cidade (ALARCÃO, 2008: 55) – aspecto que se reveste de grande significado prático e simbólico. Nos alvares da nacionalidade observa-se a manutenção desta lógica organizacional, reforçada pela construção de um dos núcleos mais destacados do recinto muralhado – o Castelo – dominado pela torre de menagem afonsina e pela torre quinária atribuída

¹ A intervenção arqueológica dirigida por Sónia Filipe e Ricardo Teixeira decorreu do Projecto previsto no Plano de Pormenor da Alta Universitária e impulsionado no quadro do processo de qualificação e candidatura do conjunto monumental como Património Mundial. Refira-se que o Projecto de construção do Parque não foi executado.

a D. Sancho (ALARCÃO, *ibid*: 201). Com o rolar dos tempos, no séc. XVIII, a fortificação na sua aparência obsoleta e degradada não resistirá à visão moderna do Marquês de Pombal que, no âmbito da Reforma Pombalina dos Estatutos da Universidade, a dotará de condições físicas e pedagógicas de harmonia com o ideal iluminista. Neste caso, o projecto de construção do observatório astronómico (que não será concluído) acarretou a demolição da torre de Hércules (quinária) e a destruição parcial da torre de menagem, entre 1773 e 1777 (CORREIA e GONÇALVES, 1947: 3). Finalmente, no séc. XX, a sujeição deste espaço construído ao Plano de Obras do Estado Novo marca a estabilização fisionómica deste talhão, convertido agora numa clareira urbana composta pelo Largo de D. Dinis e espaço de circulação envolvente (ROSMANINHO, 1996). Neste processo sobressai o esforço de modelação de terreno, provocado pela demolição de estruturas emblemáticas da cidade, como a Porta do Sol, as ruínas do castelo medieval e o troço final do aqueduto, flagrante nas fotografias anteriores a 1943 e da demolição da Alta (AAVV, 1991).

É neste espaço que, em 2008, se desenrolam trabalhos de escavação arqueológica, concentrados junto à estátua de D. Dinis (FIG. 2). Interessa-nos, neste particular, uma sondagem excêntrica – F. Esta sondagem, com uma área total de 26 m², localiza-se na vertente sul da encosta ajardinada em derredor do antigo Colégio de S. Jerónimo, numa plataforma actualmente sobrelevada face ao passeio público. Tal como se pode testemunhar na documentação fotográfica, o rebaixamento da zona de circulação resulta do corte do relevo original deste ponto (FIG. 3).

Escapando à tendência da restante área intervencionada, marcada pelo afloramento superficial do substrato rochoso, esta sondagem apresenta uma potência estratigráfica superior (cerca de 1 m).

Conforme se pode apreciar no desenho da secção ocidental (FIG. 4), na zona mais alta do terreno, entre a sapata que sustenta a fachada do colégio [615] e o muro de contenção de terras contemporâneo [614], a escavação revelou uma estratigrafia simples e linear, cortada por valas abertas para a instalação de infra-estruturas urbanas [609]. Já na zona de cota rebaixada, sob o passeio público e estrada (a Sul), registou-se o surgimento da rocha cortada para o efeito.

Na base do referido pacote estratigráfico identificou-se um depósito de formação antiga [604], assente no substrato geológico calcário, degradado, brando e de matriz argilosa. A camada composta essencial-

mente por blocos de calcário de médio porte encerrava um conjunto de espólio que despertou a atenção pela composição e configuração (FIG. 5, 6 e 7). O material exumado compreendia espólio cerâmico e um conjunto faunístico e de ossos humanos. Era ainda visível uma área de concentração de cinzas. Cobria este depósito uma camada – [603] – contendo material cerâmico antigo (incluindo fragmentos que colavam com outros recolhidos na [604]), bem como restos faunísticos. A presença de material de cronologia mais recente entre o espólio revela que o depósito foi perturbado em época contemporânea, aparentemente ao nível do topo da camada, fruto da deposição de unidades contemporâneas [602] e [601]. Posteriormente, na segunda metade do séc. XX, estes níveis foram cortados pela vala [609] aberta para a instalação de infra-estruturas. O enchimento desta unidade interfacial – [605] – revela características sedimentares e espólio semelhante e compatível ao das camadas interceptadas ([603] e [604]), registando-se colagem de cerâmica entre as mesmas.

Em suma, os dados apresentados revelam seguramente a identificação de um nível estratigráfico de formação proto-histórica. Este, contudo, devido à forte perturbação do solo urbano encontra-se truncado e circunscrito aos resquícios de um depósito, sem que tenha sido possível identificar a sua conexão a qualquer estrutura. Face às peculiares condições do terreno onde se assinala esta ocorrência, é de admitir que a mesma apresente alguma continuidade para lá dos limites da sondagem e que a sua identificação, no futuro, possa acrescentar novos e reveladores dados a esta matéria. Certo é, porém, que a área potencialmente preservada é acanhada, cingindo-se ao terraço cintado pelo muro de contenção e pela cortina exterior do antigo colégio.

A colecção de cerâmica

O lote artefactual de cronologia antiga, exumado na intervenção arqueológica em questão, restringe-se a fragmentos cerâmicos com relações de jazida muito estreitas e espacialmente confinadas – [603], [604] e [605].

Numa apreciação geral, o conjunto estudado revela-se consistente e, aparentemente, coetâneo. Há naturalmente a assinalar a presença de elementos intrusivos sem representatividade numérica naqueles estratos (mobilizados provavelmente pelas raízes), com excepção da [603] onde

estes elementos revelam maior peso percentual devido ao revolvimento do topo da camada.

Trata-se de um lote numericamente pouco expressivo, com cerca de uma centena de fragmentos, dos quais vinte e um permitem identificação da componente morfológica. O índice de fragmentação observado é significativo e reduzida a identificação da atribuição formal, não tendo sido reconstituído nenhum recipiente completo.

Como foi já assinalado, muitos fragmentos fornecem colagem entre si, realizando-se, inclusive, remontagem entre as diferentes unidades estratigráficas ([603], [604] e [605]), o que reforça a ideia da homogeneidade do conjunto e da correlação entre os respectivos contextos de recolha. Acrescente-se que as fracturas observadas, apesar de não serem frescas (ocorridas no processo de escavação), não se mostram erodidas, apontando para um momento de fragmentação recente (aparentemente dentro de Época Contemporânea). Este dado coaduna-se com a leitura estratigráfica realizada que aponta para o carácter recente das principais acções de remobilização dos depósitos sedimentares – responsáveis, em grande medida, pela fragmentação da cerâmica.

A análise macroscópica do espólio cerâmico revela fraca diferenciação em termos tecnológicos, com a identificação de cinco fabricos. Dois, seguramente de produção local, modelados manualmente, distinguem-se entre si exclusivamente pelo acabamento superficial.

O mais comum corresponde a uma produção de boa qualidade, com pasta densa e compacta e cozedura tendencialmente redutora (de coloração cinza escuro a preto) com arrefecimento oxidante. Observam-se elementos não plásticos (calcite, grãos de quartzo, nódulos ferruginosos, palhetas orgânicas e mica) de médio calibre (+/- 1mm) em moderada quantidade e homogeneamente distribuídos. As superfícies, com colorações que variam entre o castanho avermelhado e castanho claro, ostentam tratamento cuidado, normalmente polido. Constata-se, num caso, a presença de espatulamento aplicado em feixes com diferentes orientações, criando um efeito estético particular na superfície interna de um vaso aberto (FIG. 8, n.º 11). A este fabrico associam-se potes de média dimensão, de fisionomia elegante, marcada pelo estreitamento do colo a partir do qual soergue em ligeira curva o bordo largo (21/28 cm de Ø) rematado por lábio simples, boleado ou plano (FIG. 8, n.ºs 2, 3 e 4). No território próximo ocorrem peças de morfologia semelhante em Santa Olaia (PEREIRA, 2009: est. XXIII, 14-16). Não é certo se o bordo n.º 9 (FIG. 8) corresponderá a uma peça análoga ou,

ao invés, a um recipiente aberto. Estes encontram-se representados por pequenas taças com carena ou formato de campânula (FIG. 8, n.^{os} 7 a 9). Estes vasos denotam semelhança a taças manuais exumadas em Conimbriga (ARRUDA, 1997: FIG. 4, 1-4; CORREIA, 1993: FIG. 3), e em sítios da região da Figueira da Foz como Santa Olaia (FRANKEINSTEIN, 1997: Lám. 1 e 2), Crasto de Tavarede (FRANKEINSTEIN, 1997: Lám. 41 e 42; NEVES, 2013: est. V e VI) e Chões (PEREIRA, 1993-94: Est. III, 9).

Com pasta de características idênticas, mas com acabamento grosseiro e irregular, surgem alguns bordos podendo ostentar lábio golpeado. Destaca-se neste fabrico uma tacinha globular e um fundo côncavo (FIG. 8, n.^{os} 5 e 10). É possível identificar este repertório associado igualmente a superfícies rugosas nas estações de Conimbriga (ALARCÃO, 1975: Pl IV, 52-66; ARRUDA, 1997: FIG. 4, 5-7), Santa Olaia (PEREIRA, 2009: FIG. 32) e Crasto de Tavarede (NEVES, 2013: est. II-IV).

Ainda dentro dos fabricos manuais regista-se o bordo de um grande vaso em cerâmica calcítica (FIG. 8, n.^o 1) com paralelo na cerâmica manual calcítica de Conimbriga (ALARCÃO, 1975: Pl II, 15). Possui pasta compacta com abundantes elementos não plásticos de médio calibre dominados pela calcite, mas onde se encontram também presentes quartzo, partículas orgânicas e mica e superfícies alisadas de coloração laranja.

As restantes produções, de qualidade técnica superior, reportam-se a peças montadas a torno. Dos escassos fragmentos distingue-se um fabrico com pastas leves, muito finas e depuradas, contendo abundantes partículas muito finas de mica, algumas palhetas de material orgânico e, ocasionalmente, elementos quartzíticos de maior calibre, boleados. Os fragmentos atribuíveis a esta produção apresentam sempre pastas e superfícies cinzentas. Estas, geralmente erodidas e ásperas ao toque, revelam por vezes o polimento original. À excepção de um vaso de perfil incompleto (FIG. 9, n.^o 5), possivelmente de formato equivalente a peças de Conimbriga (ARRUDA, 1995: FIG. 6, 2) e Santa Olaia (PEREIRA, 2009: FIG. 39), os restantes correspondem a pequenas taças em calote ou com carena (FIG. 9, n.^{os} 2 e 4). Quer em Conimbriga (ALARCÃO, 1975: pl. XI, 203) quer em Santa Olaia (FRANKEINSTEIN, 1997: Lám. 13) e mesmo nos Chões (PEREIRA, 1993-94: est. III, 12 e 13) assinalam-se paralelos para a tacinha de paredes côncavas. Neste fabrico, correspondente a Cerâmica Cinzenta Fina, regista-se ainda a presença de um fragmento reaproveitado, de recorte quadrangular, cujos lados extensivamente boleados indiciam o uso numa actividade de fricção (FIG. 9, n.^o 7).

Assinala-se, ainda, a presença de um fabrico peculiar de pastas compactas muito depuradas, com elementos não plásticos muito finos (mica, calcite e partículas ferruginosas). Revelam cozedura redutora com arrefecimento oxidante, com cernes de coloração castanho a creme e margens laranja vivo. As superfícies conservam uma fina aguada negra intensamente polida. Contam-se neste fabrico pequenas taças em calote e acampanadas destacando-se igualmente a recolha de um fundo plano (FIG. 9, n.ºs 1, 3 e 6) que revelam semelhança a taças engobadas do sítio de Chões (PEREIRA, 1993-94: est. III, 9 e 10).

No seu conjunto, o repertório formal recolhido contempla vasos de pequena e média capacidade. Os recipientes de média capacidade reportam-se a contentores de armazenamento de líquidos ou sólidos e os de pequena capacidade associam-se ao serviço de consumo de líquidos e semilíquidos. Em termos representativos esta baixela de consumo alimentar é claramente dominante e associada exclusivamente a fabricos de elevada qualidade técnica (independentemente da modelação). A este respeito, sublinhe-se que as produções ao torno se inscrevem integralmente neste segmento funcional.

Ressalta, pois, do exposto a escassez de vasos de armazenamento, particularmente dos grandes formatos. Neste sentido, a realidade analisada embora bastante circunscrita aponta claramente para um ambiente especificamente ligado ao consumo alimentar. Ou seja, mesmo na eventualidade de se estar na presença de um contexto secundário de despejo e rejeição de restos e despojos culinários e alimentares a sua composição remete invariavelmente para o mesmo tipo de contexto funcional primário.

Para além disso, ilustra-se um panorama em que os gestos de consumo e ingestão se concretizam por meio de uma linguagem material específica e nova no território, com clara conexão às comunidades de matriz fenícia instaladas no Baixo Mondego. E, neste sentido, parece natural presumir que a transposição cultural não se circunscreva aos utensílios, mas que tenha eco no domínio dos gestos, usos e esquemas simbólicos deste universo cultural de referência. Esta linha de raciocínio conduz-nos a cenários e leituras estimulantes, onde se inscreve a realização de rituais de comensalidade de grande expressão social e cerimonial na Proto-história. Contudo, a exiguidade dos vestígios impede a explanação mais aprofundada desta interpretação.

Em termos concretos, apesar das limitações do contexto analisado, os traços tipológicos deste acervo remetem, tal como referido, para

ambientes proto-históricos antigos na transição entre o Bronze Final e a I Idade do Ferro, com paralelos formais nos horizontes orientalizantes das estações mais conhecidas da bacia do Baixo Mondego, como Santa Olaia, Crasto de Tavadede, Chões e Conimbriga. Destaca-se neste conjunto, a convivência entre traços arcaizantes ou de feição indígena, à falta de melhor designação, com peças tecnicamente mais evoluídas que poderiam arrastar a datação pelo I milénio a.C. adentro. Contudo, a coerência do lote sempre inspirou a ideia da coetaneidade dos materiais, tendo sido a inserção cronológica inicial corroborada pela datação radiocarbónica.

Enquadramento cronológico

Justamente, e não obstante os constrangimentos que as cerâmicas em estudo colocam em termos de uma atribuição cronológica muito fina, a existência, no mesmo contexto, de materiais orgânicos datáveis, permitiu obter uma data de C14 cujos resultados estão em sintonia com o enquadramento cronológico pré-definido pelo estudo dos fabricos e morfologias daquelas.

Para tal, selecionou-se um osso humano, concretamente um dos fragmentos osteológicos cranianos recolhidos na unidade [604]. A amostra, com 4 gr, processada (Database INTCAL13) e recalibrada (Database – curva de calibração INTCAL20, REIMER *et al.*, 2020) pelo Beta Analytic Radiocarbon Dating Laboratory revelou os seguintes resultados (FIG. 10):

Tabela 1: Resultado da datação por radiocarbono da amostra óssea humana da [604].

Código do laboratório Beta-540084		
Idade convencional por radiocarbono 2490 ± 30 BP		
Probabilidade de 95.4%		
(94.1%)	775 - 514 cal BC	(2724 - 2463 cal BP)
(1.3%)	500 - 486 cal BC	(2449-2435 cal BP)
Probabilidade de 68.2%		
(45.9%)	650-546 Cal BC	(2599-2495 Cal BP)
(11.9%)	696-664 Cal BC	(2645-2613 Cal BP)
(10.4%)	759-735 Cal BC	(2708-2684 Cal BP)

Ponderados os diversos indicadores cronológicos (tipológicos e analíticos) podemos então fixar temporalmente o contexto identificado na I Idade do Ferro, no dilatado intervalo de segurança balizado entre meados do séc. VIII e meados do séc. VI a.C.

Os restos ósseos humanos

A intervenção no Largo de D. Dinis permitiu recuperar restos ósseos humanos desarticulados de duas camadas: [601] e [604]. Como referimos, a primeira, é uma camada superficial, resultante do revolvimento de terras, de formação recente e a segunda um depósito de formação antiga.

Os dezasseis fragmentos ósseos recuperados da camada [601] são cranianos, nove dos quais da mesma calote craniana, sendo provável que os restantes também o sejam. A este conjunto pertence ainda um fragmento de osso frontal + parietal esquerdo e um de osso occipital recuperados da camada [604]. Estas colagens confirmam a relação entre os achados ósseos preservados nas duas camadas.

Da camada [604], para além dos restos cranianos acima referidos, foram ainda recuperados um dente solto e diversos ossos do esqueleto pós-craniano (descritos mais à frente). Todos estes fragmentos ósseos (das duas camadas) são compatíveis com um indivíduo adulto maduro, excepto o fragmento de mandíbula que terá pertencido a um adolescente ou adulto jovem.

A calote craniana reconstituída pertence a um indivíduo adulto, provavelmente do sexo masculino, face à robustez do osso occipital. Quanto à idade à morte, a obliteração avançada de diversos segmentos de suturas cranianas, sugere um adulto maduro.

Várias regiões desta calote craniana, tais como fragmentos de osso parietal e de osso malar direito, apresentam porosidade designada por hiperostose porótica. Esta é frequentemente associada a deficiências de ferro devido a anemia, causada por nutrição inadequada e/ou infecção. No presente caso, com excepção de uma região descrita mais à frente, as lesões encontram-se remodeladas e não activas no momento da morte do indivíduo.

O osso occipital deste indivíduo, ainda que incompleto (falta a região posterior direita), apresenta um crescimento ósseo marcado, ligeiramente inclinado para o lado esquerdo, na região do *inion* (ponto

craniométrico; FIG. 11 – seta branca; FIG. 12 – seta grossa). Esta região é a zona de inserção do ligamento nucal, uma membrana fibrosa. Este ligamento tem início na protuberância externa do occipital (*inion*), passa no tubérculo posterior do arco posterior do atlas (C1), segue pela região medial das apófises espinhosas da segunda à sétima vértebras cervicais, fixando-se no ápice superior da apófise espinhosa da última vértebra cervical (C7). As funções propostas para este ligamento incluem neurofisiológicas e biomecânicas relacionadas com a cabeça e a coluna cervical (TAKESHITA *et al.*, 2004). No presente caso, o uso repetitivo, intenso e prolongado deste ligamento deverá ter levado à ossificação observada.

No lado esquerdo desta região, foi ainda detectada uma depressão em forma oval. Esta apresenta um eixo maior de aproximadamente 38mm, e 22mm, de largura máxima, medido sensivelmente a meio. A margem superior desta depressão revela uma inclinação que, na região média, mede cerca de 7mm (FIG. 12). Já na margem inferior, a região média é acompanhada por um pequeno crescimento ósseo (FIG. 12 – seta fina). As alterações descritas são compatíveis com um trauma antigo, completamente remodelado e sem sinais visíveis de complicações, incluindo infecção. É possível que o crescimento ósseo acentuado observado na região do *inion* se tenha desenvolvido em consequência deste trauma.

Neste osso, na região superior direita (assinalada pela seta preta da FIG. 11), a porosidade observada apresenta características de uma lesão activa de hiperostose porótica e em fase de remodelação no momento da morte do indivíduo. Esta porosidade não deve estar relacionada com o trauma acima descrito, uma vez que este último se encontra completamente remodelado, traduzindo um evento ocorrido algum tempo antes da morte do indivíduo.

Nos restantes fragmentos cranianos há a assinalar sinais de infecção remodelada num pequeno fragmento ósseo da região facial ao nível endocraniano e um fragmento da região da articulação temporomandibular esquerda, que revela uma pequena lesão de origem degenerativa, com aproximadamente 0,7mm por 0,3mm.

Na camada [604], para além dos ossos cranianos acima descritos, foram recuperados uma metade distal de diáfise de úmero direito, um fragmento de diáfise distal de fémur esquerdo, um fragmento de diáfise de fémur direito, um fragmento de acetábulo direito, um pequeno fragmento de diáfise de osso longo, um incisivo lateral superior esquerdo

e um fragmento do lado direito de mandíbula com os 2.º e 3.º molares *in situ*. Com excepção do fragmento de mandíbula, todo este espólio ósseo humano é compatível com um indivíduo, inclusivamente a calote craniana, ainda que não se possa excluir pertencerem a indivíduos diferentes.

O fragmento de diáfise de fémur direito, não possui fossa hipotrocantérica nem 3.º trocânter (caracteres morfológicos não métricos) e revela ausência de achatamento do seu terço superior (índice platimétrico = 82,14).

Neste pequeno conjunto de restos ósseos foram encontradas evidências de algumas patologias. No fragmento de osso coxal direito, alterações degenerativas de grau mínimo foram observadas na cavidade acetabular. Esta corresponde à articulação coxo-femoral, pelo que as alterações notadas permitem sugerir uma mobilidade acentuada do respectivo indivíduo.

Sinais de patologia infecciosa remodelada foram detectadas na superfície anterior dos dois fragmentos de fémur (um de cada lateralidade). Estes revelaram ainda alterações degenerativas não articulares mínimas na linha áspera, uma zona de inserção muscular.

O dente solto recuperado, um incisivo lateral superior esquerdo, apresenta um desgaste dentário de grau médio (4, na escala de SMITH, 1984, adaptada por SILVA, 1996), sem depósitos de tártaro, e uma lesão cariogénica pequena na região interproximal mesial. Apresenta ainda duas hipoplasias do esmalte dentário na sua coroa, um indicador de stress fisiológico não específico. A presença destas duas linhas revela que este indivíduo passou por dois períodos de stress fisiológico severos (doença prolongada e/ou deficiências nutritivas) entre os 2 e 5,5 anos. Estes eventos levaram à interrupção temporária da formação da coroa dentária. Contudo, o indivíduo conseguiu recuperar e a coroa dentária continuou a sua calcificação, ficando esses episódios registados no esmalte dentário sob a forma das linhas observadas.

Este dente apresenta ainda duas pequenas fracturas *antemortem* ao longo da sua superfície incisal. Estas poderão estar relacionadas com a ingestão de alimentos abrasivos, mas também com actividades não mastigatórias.

Nesta camada foi ainda recuperado um fragmento do lado direito de uma mandíbula (604.6) com os 2.º e 3.º molares *in situ*. Através de uma fractura *postmortem* é possível observar que o ápex do 2.º molar está fechado confirmando que este terá pertencido a um indivíduo com

mais de 15 anos de idade. Contudo, o baixo desgaste dentário dos dois dentes, respectivamente 1 e 0, permite ainda sugerir que não se tratava de um indivíduo adulto maduro/idoso e, deste modo, não compatível com os restantes vestígios ósseos humanos recuperados. Estes dois dentes não apresentam depósitos de tártaro nem lesões cariogénicas. No 2.º molar foi também detectada uma hipoplasia do esmalte dentário que, no presente caso, traduz um episódio de stress fisiológico ocorrido entre os 5,5 e 8 anos de idade.

Foi ainda realizada uma análise morfológica não métrica destes dois dentes, recorrendo ao protocolo ASUDAS (TURNER *et al.*, 1991) e do registo do Forame-tubérculo (segundo MARADO e SILVA, 2016; MARADO *et al.*, 2015) (Tabela 2).

Tabela 2: Dados obtidos na análise da morfologia não métrica dos molares inferiores direitos da mandíbula 604.6 recuperada da intervenção do Largo de D. Dinis.

Caracter/Dente	2º Molar	3º Molar
Nº de cúspides	4	4
Padrão de Cúspides	X	Y
Protostilídeo	Grau 1	0
Forame-tubérculo	0	0
Presença de cúspide 6	0	0
Presença de cúspide 7	0	0

Legenda: 0 – ausência.

Em suma, os restos osteológicos humanos recuperados no Largo de D. Dinis na Universidade de Coimbra durante a intervenção de 2008 pertencem, no mínimo, a 2 indivíduos, um adulto maduro provavelmente do sexo masculino e a um adolescente ou adulto jovem. Todas as peças ósseas e dentárias recuperadas, com excepção do fragmento de mandíbula, poderão pertencer ao indivíduo mais idoso identificado nesta amostra.

Entre as observações, destaca-se a presença de um trauma antigo detectado na região da nuca do indivíduo masculino adulto maduro, concretamente no lado esquerdo do seu osso occipital. A lesão encontra-se completamente remodelada, sem sinais visíveis de complicações traduzindo um evento ocorrido muitos anos antes da morte do indivíduo.

As alterações observadas na região da protuberância do osso occipital (na região do *inion*) poderão estar relacionadas com este evento traumático. Este, terá ainda lesado o ligamento nugal e, deste modo, comprometido as suas funções neurológicas e biomecânicas resultando, entre outras, na formação óssea observada.

As alterações ósseas compatíveis com patologia infecciosa e hiperostose porótica registadas em vários ossos (cranianos e pós-cranianos) são todas não activas, excepto na região direita do osso occipital onde se encontram em fase de remodelação. Os dois indivíduos passaram ainda por períodos de stress fisiológico severos durante as suas infâncias, traduzidos pela presença de hipoplasias do esmalte dentário. Porém, é de destacar que estes indivíduos conseguiram ultrapassar estes episódios, mostrando alguma resiliência.

A fauna

Uma vez que, contrariamente à cerâmica, a fauna também não revela, à partida, adstricção cronológica, no estudo foi apenas considerado o material exumado no depósito [604], pese embora se presuma a inclusão de restos faunísticos antigos nas camadas [603] e [605]. Assim sendo, foi registado um total de 81 ossos e dentes de animais vertebrados todos recuperados naquela camada. Identificaram-se restos pertencentes a cinco grupos taxonómicos: gado bovino, caprinos (ovelha ou cabra), suínos (porco ou javali), veado e cão (tabela 3). Não foi possível identificar ao nível específico um grande número de elementos ($n=42$), pelo que nesse caso classificámos, quando possível, por tamanho do animal a que pertenceriam: macrofauna (grande porte) ou mesofauna (médio porte).

Quase metade dos ossos registados ($n=38$) foram classificados como pertencendo a animais de grande porte. A maioria desses restos correspondia a fracções de mandíbula ($n=22$), tendo sido ainda registados um fragmento de costela, uma vértebra caudal, quatro fragmentos de osso longo e 10 ossos indeterminados. Muito provavelmente a maior parte destes restos pertenceria a *Bos taurus*.

Um fémur de feto não identificado, um osso longo e um osso indeterminado foram classificados como mesofauna. Registaram-se ainda dois fragmentos pequenos e incharacterísticos, classificados como indeterminados.

Os restos de bovinos são os mais frequentes e são atribuíveis a três mandíbulas de animais jovens. Dos 24 restos identificados com certeza a *Bos taurus* apenas um não pertencia ao esqueleto craniano – um rádio de juvenil com as epífises proximal e distal ausentes por não estarem fusionadas. A articulação proximal do rádio funde-se, nesta espécie, aos 12-15 meses, indicando que este animal não teria mais de um ano e três meses.

Os dentes estavam, na maioria, soltos devido à fragmentação das mandíbulas, mas foi possível reconstituir três mandíbulas que representam a maioria do espólio identificável e pertencem a pelo menos dois indivíduos. Todas as mandíbulas apresentam o mesmo conjunto de dentes com pequenas variações: dentes de leite bastante gastos (dp_2 , dp_3 , dp_4) e dentes definitivos pouco gastos (I, P_2 , P_3 , P_4 , M_1 , M_2 , M_3), sendo que entre os dentes definitivos apenas o M_1 e M_2 apresentavam desgaste e os pré-molares e terceiro molar apresentavam indicadores de não estarem erupcionados, com ausência total de desgaste. De facto, o dente de leite dp_4 teria o P_3 e P_4 por baixo e são estes que iriam empurrar o dente decíduo para sair, remetendo para uma fase em que o animal estaria a mudar a dentição de leite pela definitiva. Sendo que, segundo Habermhel (1975, 96), o M_2 nasce aos 15-18 meses e o M_3 aos 24-28 meses, estes animais deveriam ter entre um e dois anos.

A ovelha e a cabra (*Ovis aries* e *Capra hircus*) são difíceis de distinguir ao nível osteológico, daí a necessidade de juntar os dados destas duas espécies num único grupo. Este grupo está apenas representado por cinco ossos: uma omoplata de juvenil, uma epífise, proximal e outra distal, de fémur, ambas não fundidas, dois calcâneos também sem fusão completa e um metatarso proximal fundido. Todos os ossos imaturos teriam de pertencer a animais seguramente com uma idade inferior a dois anos.

Os dois restos de suínos (*Sus* sp.), um fragmento de molar inferior e uma diáfise de tibia de juvenil, sem nenhuma das epífises fundidas. É provável que estes restos pertençam a porco, mas é difícil de distinguir do javali, sobretudo em fragmentos de dentes ou em ossos de juvenis.

Um úmero, pertencente ao membro anterior de veado (*Cervus elaphus*), o único representante de uma espécie selvagem neste conjunto. Curiosamente é à espécie selvagem que pertence o único osso de fusão completa da metáfise distal com a epífise.

Foi recuperada uma mandíbula direita de canídeo, com incisivos, canino, pré-molares e apenas um molar (M_1). Do mesmo táxon um úmero distal, uma diáfise de tíbia e outra de rádio, foram igualmente registados. O primeiro molar apresenta 20,1 mm de comprimento, o que nos permite identificar como cão (*Canis familiaris lupus*) já que, segundo Pires *et al.* (2019: FIG. 3b), medidas inferiores a 23 mm enquadram-se nos valores da espécie doméstica. O que não será de estranhar já que é bem mais comum que o lobo em contexto arqueológico. Os dentes são definitivos, por isso o animal teria de ter mais de 5 meses de idade. O primeiro molar não apresenta qualquer desgaste o que, segundo Horard-Herbin (2000: 118), significa que o animal teria menos de 2 anos e muito provavelmente teria entre 6 a 10 meses, sendo assim mais uma vez confirmada a presença de um animal muito jovem.

Uma tendência geral do conjunto parece ser a presença de juvenis que normalmente não estão associados ao consumo recorrente e doméstico. A tendência é a de abater os animais para consumo quando estes já atingiram alguma maturidade, o pico do seu tamanho, mas também não demasiado velhos para que a carne não seja demasiado dura, cerca dos dois a três anos.

Os restos também se encontravam colocados por cima dos ossos humanos, mas nenhum deles parece pertencer a um depósito cuidado de animais completos, correspondendo apenas a partes desconexas (FIG. 7). O conjunto de mandíbulas de gado bovino, uma parte do esqueleto normalmente de menor interesse alimentar, parece não esclarecer a intencionalidade.

Um fragmento de costela de animal de grande porte com marcas de corte, possivelmente de vaca, pode apontar para o consumo de carne do tórax ou de preparação da carcaça, o que não é concordante com o resto do conjunto que não apresenta marcas de corte. Já o úmero de veado não apresenta marcas de corte, mas demonstra uma fractura oblíqua e arredondada compatível com a quebra do osso quando este ainda estava fresco, ou seja, concordante com a preparação de uma carcaça para consumo.

O depósito dos restos de animais por cima de restos humanos remete-nos para um possível contexto de ritual, embora se desconheçam no território português contextos rituais com este tipo de elementos dispersos e desconexos. A intencionalidade na deposição garante normalmente uma cobertura rápida por sedimentos e melhor preservação do conjunto o que não parece acontecer aqui.

Em alternativa, não poderemos afastar a hipótese de o conjunto decorrer da deposição de restos alimentares sem intencionalidade particular, incluindo a possibilidade de resultar de algum banquete que privilegiou o consumo de carne de animais mais jovens.

A presença expressiva de restos de gado bovino doméstico na primeira Idade do Ferro parece ser, aliás, concordante com o de outros sítios contemporâneos, mas mais afastados geograficamente como Abul (CARDOSO, 2001) ou mesmo mais tardios como o Cerro da Rocha Branca (CARDOSO, 1993; ARRUDA, 2007: 124) ou o Núcleo dos Correiros em Lisboa (DETRY *et al.*, 2016).

A nível regional não são muitos os dados que permitem tecer comparações, mas dois estudos são incontornáveis. Um deles reporta-se à análise da fauna de Santa Olaia na tese de mestrado de Filipe Martins (2020) e o outro corresponde à Gruta do Medronhal (VILAÇA *et al.*, 2018), a cerca de 15 km a sul da cidade de Coimbra. Enquanto em Santa Olaia, os restos recuperados e que incluem igualmente fauna malacológica (ALMEIDA *et al.*, 2017) resultarão essencialmente de despejos alimentares, no caso dos restos da Gruta do Medronhal estudados por João Luís Cardoso aponta-se no sentido de serem o resultado de práticas rituais, com restos de fauna com poucas marcas de corte e restos esqueléticos bem preservados e com maior frequência de animais de pequeno porte, como a ovelha e cabra (VILAÇA *et al.*, 2018: 62). Sublinhe-se que este contexto tem uma dimensão funerário-cultural e é cronologicamente anterior, da transição Bronze Final-I Idade do Ferro.

Um terceiro conjunto a ter presente, proveniente de Coimbra (Rua Fernandes Tomás), mas neste caso já cronologicamente posterior aos materiais em análise, foi analisado por Vera Pereira que refere a presença de caprinos, bovinos e equídeos em contextos mais tardios da II Idade do Ferro (ALMEIDA *et al.*, 2011).

Os conjuntos faunísticos da primeira Idade do Ferro são ainda escassos e heterogêneos e o conjunto aqui representado, apesar de não ser completamente claro, pode representar um contexto ritual pela relação com os restos osteológicos humanos e abundância de animais muito jovens.

Tabela 3: Número de Restos Determinados (NRD) e Número Mínimo de Indivíduos (NMI) dos restos de fauna recuperados na UE [604].

ESPÉCIES	NRD n	%	NMI n
<i>Bos taurus</i> (gado bovino)	24	30%	2
<i>Ovis aries/Capra hircus</i> (ovelha ou cabra)	6	7%	1
<i>Sus scrofa</i> (javali ou porco)	2	2%	1
<i>Cervus elaphus</i> (veado)	1	1%	1
<i>Canis lupus familiaris</i> (cão)	5	6%	1
Macrofauna	38	47%	
Mesofauna	3	4%	
Indeterminado	2	2%	
Total	81		

Considerações acerca do conjunto sidérico do Largo de D. Dinis

Os resultados agora apresentados, embora circunscritos, constituem um marco relevante no resgate da memória proto-histórica da cidade. A fraca probabilidade do registo arqueológico de contextos antigos preservados num centro histórico como o de Coimbra, vítima de elevada e continuada perturbação do subsolo (exponenciada por radicais reformas urbanísticas, muito em especial e mais perto do nosso tempo a resultante da “destruição da Alta” nos anos 40-50 do século passado) convertem por si só este achado num evento excepcional. Para mais, sendo aqui inéditos os níveis da I Idade do Ferro. Com efeito, transpondo os resultados da datação radiocarbónica do fragmento osteológico analisado para o contexto de recolha, será de admitir (com um grau de probabilidade de 95.4%) a inserção do depósito detectado entre o séc. VIII e o séc. VI a.C., de harmonia igualmente com o que à cultura artefactual diz respeito.

A este propósito, o conjunto de cerâmica recolhido anunciava já a integração desta fase ocupacional no horizonte cultural do Ferro Antigo radicado no Baixo Mondego. Sobressai no lote, a par das produções manuais grosseiras de extenso lastro diacrónico, e de peças que repro-

duzem formas correntes do Bronze Final (como as taças carenadas por exemplo), o aparecimento de aspectos formais e tecnológicos derivados do repertório sidérico. A incorporação na cerâmica de fabrico local de traços formais mais evoluídos, tais como o perfil elegante e desenvolvido dos bordos da maioria dos recipientes fechados, bem como a ocorrência de cerâmica fabricada a torno, denunciam assim o contacto com realidades materiais exógenas. Ora, a compreensão dos contornos e alcance dessa influência implica encadear os dados de Coimbra na realidade regional envolvente.

Em 2011, Ana M. Arruda confessava que “Englobar Coimbra nesta rede de povoamento orientalizante do Baixo Mondego é tentador, mas, na cidade, os dados escasseiam ainda para este período e para esta matriz cultural” (ARRUDA, 2011: 1). Desta feita, os resultados agora publicados comprovam que Coimbra integrava, efectivamente, a rede de povoamento do Baixo Mondego num tempo de referência cultural vincadamente orientalizante, coexistindo, com destacados núcleos de povoamento de origem ou influência fenícia como Santa Olaia ou Conimbriga. Esta coexistência convoca perspectivas sobre a forma como se inter-relacionariam estes e outros lugares da região. Dotados de diferentes condições geo-ambientais e assentando em distintos substratos culturais, estes lugares tenderiam a estabelecer relações de poder em função do controle directo de determinados recursos. Sendo de admitir que o incremento dos fluxos de trocas gerados neste território lhes granjeariam mútuo benefício, i.e., embora dotados de distinta natureza socio-económica seria à partida do interesse dos diferentes polos de ocupação do território o robustecimento das redes de intercâmbio e solidariedade. No caso de Santa Olaia, por exemplo, a vocação de índole mercantil desta comunidade, à semelhança das suas congéneres, orientá-la-iam para a produção e troca de bens em larga escala. Já Coimbra, ao flanquear a montante o Mondego – o principal canal de ligação ao interior beirão e aos seus almejados recursos mineiros auferiria de um papel decisivo, em termos geo-estratégicos, no controlo desse mercado. A implantação de Coimbra coincide precisamente com a boca do estuário, ponto em que o rio se libertava dos meandros apertados na massa de montanhas interiores espraiando-se num braço de mar de horizontes abertos ao oceano. Se estes atributos foram determinantes para a preponderância política e económica da cidade em épocas históricas, não deverão ter sido menos em épocas anteriores. E, neste sentido, será de admitir que para transpor este estrangulamento do rio as

comunidades orientalizantes do Baixo Mondego teriam de se concertar com o povoado então aqui existente. E o mesmo se aplicaria às embarcações que descessem do interior. Será assim de crer que o seu estatuto e preponderância, em termos de posição negocial, residisse em grande medida no incisivo domínio do rio (FIG. 13).

Atendendo então à existência de uma comunidade fenícia em Santa Olaia, a escassos 30 km e considerando a influência destes contingentes populacionais alógenos no território, e nas respectivas populações autóctones (por mais diáfanos que se afigurem hoje as suas marcas), não resistimos a evocar referências longínquas, ligadas ao mito fundacional de Coimbra que se colam precisamente a este universo cultural. Preservadas na historiografia renascentista, mas espelhando uma dimensão oral, despontam as referências a Hércules, concretamente o de epíteto líbio, radicadas no fundo mitológico da fundação de Coimbra². As obras de Inácio de Morais (1553, *Apud* FERNANDES, 2007: 141), Pedro de Maris (1594, fls, 12v - 13), Frei Bernardo de Brito (1597, fl 129v), António Coelho Gasco [†1666] (1805, 8) e Nicolau de Santa Maria (1668, Liv. V, Cap. V), entre outras, fazem eco deste imaginário actualmente esquecido. Sem embarcar em discursos de teor evemerista é impossível ignorar o simbolismo dos cenários traçados e a sua ligação ao lastro do sincretismo religioso Melkart/Heracles nos territórios ocidentais (POVEDA NAVARRO, 1999; BERNARDINI e ZUCCA, 2005; LIMA, 2019). Para mais, dá-se a curiosa coincidência do *locus* simbólico desta narrativa – a torre quinária ou de Hércules – se situar a escassos metros dos achados agora apresentados (FIG. 14). Por ironia do destino, este fundo simbólico, à primeira vista de teor puramente erudito, ajusta-se, como veremos, na perfeição aos cenários evocados pelos testemunhos escavados na intervenção no Largo de D. Dinis.

Em termos concretos há que reconhecer o nível de incerteza referente à interpretação rigorosa dos testemunhos identificados, podendo-se ponderar diferentes quadros explicativos para o aparecimento conjunto do espólio artefactual, faunístico e dos restos humanos. Se a ocorrência de despojos / ossos humanos convidaria à associação a um espaço sepulcral, razões há que desencorajam esta interpretação.

² Tema a ser desenvolvido de forma mais detalhada no âmbito da tese de doutoramento de uma das autoras (SA).

O facto de não se terem identificado vestígios claros de uma utilização funerária do espaço, tais como, a ausência de estruturas funerárias, ou o facto de os restos osteológicos não se encontrarem em conexão anatómica, colocam reticências à ligação a um espaço estritamente cemiterial. Certo é, para já, o afastamento a um ritual de incineração. Aliás, a este respeito importa referir que nesta vasta região, até agora, o único contexto funerário conhecido, embora de cronologia imediatamente anterior – a Gruta do Medronhal – se reporta a um ambiente indígena com inumações, curiosamente associadas a depósito votivo de carcaças de animais (VILAÇA *et al.*, 2018).

Atendendo aos vestígios registados no centro histórico da cidade relacionados com os momentos subsequentes no desenrolar do I milénio a.C., é de admitir a existência de um povoado neste local. A dispersão de achados (da II Idade do Ferro na sua maioria) um pouco por toda colina (FIG. 13) associar-se-á (à falta de elementos em contrário) a um núcleo residencial – concretamente ao *oppidum* de *Aeminium* referido na História Natural de Plínio (IV, 113) e na Geographia de Ptolomeu (II, 5). À data, há a registar a ocorrência de materiais proto-históricos no topo da colina, nomeadamente no Pátio das Escolas (FILIPE, 2006), no Museu Machado de Castro (CARVALHO, 1998: 179; ALMEIDA *et al.*, 2015) e no Largo dos Colégios (VALINHO e FILIPE, 2010). Na encosta oeste observam-se vestígios na R. Fernandes Tomás (ALMEIDA *et al.*, 2011; PINHO e HENRIQUES, 2019) e Casa das Cruzes. E na encosta norte, surgem na Couraça dos Apóstolos, n.º 10, na R. Corpo de Deus (TEMUDO e ALMEIDA, 2012) e no Pátio da Inquisição (FRADE e CAETANO, 1994: 328) já do outro lado da Ribela. A estes somam-se ainda outros testemunhos menos expressivos ou mais enigmáticos, mas culturalmente bem definidos (RODRIGUES, 1961: FIG. 227).

Retornando ao assunto analisado, são de facto excepcionais as realidades arqueológicas que retratam a existência de “deposições” de restos humanos no seio de ambientes domésticos e religiosos. No entanto, há que valorizar devidamente a identificação dos vestígios de pelo menos dois indivíduos, precisamente num dos pontos mais destacados do povoado. O perfil do conjunto faunístico, sem ser completamente esclarecedor aponta igualmente nessa direcção. Ou seja, muito embora os elementos taxonómicos tenham correspondência com os de outros locais da Idade do Ferro de matriz orientalizante do território português (particularmente a presença expressiva de gado bovino) o padrão presente no Largo de D. Dinis foge à regra sob outros aspectos.

Assim, a exclusividade de animais juvenis entre as espécies domésticas, de resto claramente preponderantes e onde pontua um canídeo, e a deposição reiterada de determinados elementos do esqueleto, como as mandíbulas, distancia-se dos cenários correntes de consumo doméstico. Concomitantemente, a deposição dos restos animais sobre os vestígios humanos é sugestiva de um ambiente de natureza ritual.

Quanto ao espólio artefactual o acervo cerâmico aponta claramente para uma utilização ligada ao consumo alimentar concretizado com recurso a produtos de influência orientalizante, secundada por alguns contentores de baixa e média capacidade de armazenamento. Portanto, prevalece neste quadro a associação a um ambiente ligado ao consumo em detrimento de contextos ligados ao armazenamento ou processamento alimentar.

Já o estudo antropológico do material osteológico humano não revelou a presença de indícios que apontem para uma causa de morte compatível com um cenário sacrificial ou de violência, muito embora também não o desmintam. A este respeito o quadro parece indicar a presença de indivíduos, um dos quais seguramente do sexo masculino, que denotam alguma resiliência na superação de stress fisiológico severo ocorrido durante a infância. Ou seja, revelando um crescimento em condições relativamente adversas, mas compensadas num quadro posterior de recuperação.

Perante os elementos documentados ficam, assim, em aberto todas as hipóteses equacionáveis, se bem que com distinta probabilidade: estarmos em presença de uma área de necrópole (em termos convencionais) nas imediações do núcleo ocupacional; dever-se a amortização dos restos humanos a um episódio acidental ou fortuito no âmbito da vivência do povoado; ou estar-se face a testemunhos deposicionais de natureza cerimonial.

Reconhecendo o insólito da situação, principalmente face ao desconhecimento de contextos arqueológicos adicionais conexos, desconhecimento que condiciona uma leitura mais consistente de todo o conjunto e do seu espaço, parece ganhar alguma consistência esta última hipótese, i.e., a articulação dos diversos vestígios materiais parece configurar um contexto de cariz ritual. A deposição de restos humanos sob restos de animais jovens, nos quais se conta um cão, associados a um foco de combustão, envoltos por restos de recipientes de consumo e blocos de calcário, denunciam muito provavelmente um acontecimento intencional de natureza cultural. A hipótese de se tratar,

inclusive, de um depósito fundacional, até pelo facto de o conjunto se encontrar directamente sobre o substrato geológico, não é de excluir.

A este propósito, também não se pode ignorar a localização do depósito, atendendo a que estamos precisamente na zona da porta da muralha medieval (FIG. 14) e romana (ALARCÃO, 2008: 55), a qual poderia, apesar de não existirem evidências empíricas, decalcar um percurso ancestral, pré-romano. Para mais, é verdade que a unidade estratigráfica [604] corresponde a uma concentração de blocos calcários dispostos de forma aparentemente aleatória que podem estar em articulação com aquela estrutura, permitindo colocar a hipótese de o depósito estar na base da muralha ou nas suas imediações. Testemunhos de práticas rituais com a manipulação de restos ósseos humanos, e também de animais, em contextos habitacionais, são conhecidos em distintas regiões europeias (v.g. Inglaterra, Alemanha, República Checa), nomeadamente em povoados proto-históricos, incluindo *oppida*, como Závist ou Wallendorf (v.g. BRÜCK, 1995; VON NICOLAI, 2020: 97). Essas deposições, que envolvem partes desarticuladas do corpo humano, privilegiam determinadas zonas de particular significado e simbolismo, i.e., liminares: linhas de muralhas e taludes, fossos, a entrada daquelas, etc. (BRÜCK, 1995: 247, 253, 257). E é de notar igualmente que nesses casos prevalecem os crânios ou fragmentos de crânios, essencialmente de adultos, tal como no depósito em questão. Outros exemplos poderiam ser resgatados (VILAÇA, 2009: 490-491), desde logo a interessante situação da Quinta do Almaraz, em cujo fosso foram depositados restos humanos e de cão, os quais, significativamente, se circunscrevem a esse contexto particular do fosso deste povoado orientalizante da foz do Tejo (BARROS, 1999: 80, 94).

Neste sentido, com pistas tão sugestivas e ao mesmo tempo tão desconcertantes, quase cedemos a invocar o nosso Hercules Líbio para a clarificação futura da questão dos achados deposicionais do Largo de D. Dinis, que sem o surgimento de novas descobertas dificilmente se há de deslindar.

Em suma, o processo de aproximação às ocupações antigas de Coimbra revela-se, uma vez mais, um exercício complexo e difícil. Longe ainda de se alcançar uma visão nítida das diferentes faces históricas da cidade, vão-se encadeando lentamente os elos do seu trajecto temporal. De momento o elo resgatado dá nota das possíveis circunstâncias ligadas à fundação remota deste povoado, um estabelecimento estável, ocupado de forma tendencialmente permanente pelo menos

desde o Ferro Antigo. Existindo, coexistindo e persistindo para senho-
rear o rio onde projeta e reflete a sua história.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a informação referente à recolha de cerâmica proto-his-
tórica na ‘Casa das Cruzes’ a Denise Lima e Silva e no n.º 47/49 da Couraça
dos Apóstolos a Andrea Oliveira. Expressamos igualmente o nosso reconheci-
mento aos revisores pelas sugestões apontadas.

O presente artigo foi redigido no âmbito do Projeto de Doutoramento
“Dinâmicas culturais na área de Influência do Mondego durante o I milénio
a.C.” financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia através da Bolsa
de Doutoramento SFRH/BD/129227/2017 no âmbito da qual se custeou a
análise de C14.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV (1991) – *Velha Alta Desaparecida*, Álbum Comemorativo das Bodas de
Prata da Associação de Antigos Estudantes de Coimbra. 2º edição, Coimbra.
- ALARCÃO, Jorge (1975) – *Fouilles de Conimbriga V. La céramique commune locale et
régionale*, Paris: Editions de Boccard.
- ALARCÃO, Jorge (1979) – As Origens de Coimbra, *Actas das I Jornadas do Grupo de
Arqueologia e Arte do Centro*, Coimbra, pp. 23-40.
- ALARCÃO, Jorge (2008) – *Coimbra – a montagem do cenário urbano*, Coimbra.
- ALMEIDA, Sara; NÓBREGA, Ricardo; VILAÇA, Raquel; SILVA, Ricardo Costeira da (2011)
– Cerâmica da II Idade do Ferro de *Aeminium* – R. Fernandes Tomás 72/74
(Coimbra, Portugal), *Conimbriga* 50, pp. 33-57.
- ALMEIDA, Sara; SILVA, Ricardo Costeira da; VILAÇA, Raquel (2015) – Testemunhos da
ocupação pré-romana no *forum* de *Aeminium* (Coimbra, Portugal) / Pre-roman
testimonies in the *Aeminium Forum* (Coimbra, Portugal), *Antrope* 3, pp. 39-63.
- ALMEIDA, Sara; CALAPEZ, Pedro; VILAÇA, Raquel (2017) – Molluscan shells from the
Phoenician establishment of Santa Olaia (Figueira da Foz, Portugal), *Libro de
Resúmenes de la XXII Bienal da Real Sociedad Española de Historia Natural*,
Madrid, pp. 203-205.
- ARMBRUSTER, Barbara; PARREIRA, Rui (1993), *Inventário do Museu Nacional de
Arqueologia. Coleção de Ourivesaria*, 1.º volume. Do Calcolítico à Idade do
Bronze, Lisboa: Instituto Português de Museus.
- ARRUDA, Ana Margarida (1997) – Conimbriga: Fouilles de 1988-1989. 2, Les travaux
sur le forum, *Itinéraires Lusitaniens: trente années de collaboration archéolo-
gique luso-française*, Paris: Diffusion E. de Boccard, pp. 13-33.

- ARRUDA, Ana Margarida (2007) – A Idade do Ferro no Algarve: velhos dados (e outros mais recentes) e novas histórias, *XELB 7: Actas do 4º Encontro de Arqueologia do Algarve - Percursos de Estácio da Veiga* (Silves, 24 e 25 de Novembro de 2006), pp. 115-130.
- ARRUDA, Ana Margarida (2011) – Baixo Mondego, in *Dizionario Enciclopedico della Civiltà Fenicia (DECF)* http://www.decf-cnr.org/images/archivio/lettera-b/Baixo_Mondego.pdf
- BARROS, Luís (1999) – *O Fim do Bronze e a Idade do Ferro no Território de Almada*, Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiada).
- BERNARDINI, Paolo; ZUCCA, Raimundo [eds] (2005) – *Il Mediterraneo di Herakles, Atti del Convegno di Studi, Sassari 26 marzo-Oristano 27-28 marzo 2004*, Carocci, Rome.
- BRITO, Frei Bernardo de (1597) – *Monarchia Lusytana Composta por Frey Bernardo de Brito, Chronista geral & Religioso da ordem de s. Bernardo, professo no Real mosteiro de Alcobça. Parte Primeira...Impressa no Insigne mosteiro de Alcobça por mandado do R.^{mo} Padre Geral Frey Francisco de S. clara com licença & priuilegio Real.*
- BRÜCK, Joanna (1995) – A place for the dead: the role of human remains in Late Bronze Age Britain, *Proceedings of the Prehistoric Society* 61, pp. 245-277.
- CARDOSO, JOÃO LUÍS (1993) – Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto fenício. Estudo dos restos da Rocha Branca (Silves), *Estudos Orientais* 4, pp. 109-126.
- CARDOSO, JOÃO LUÍS (2001) – Les mammifères d’Abul, in MAYET, F. e SILVA, C. Tavares da (eds.), *L’Établissement phénicien d’Abul (Portugal)*, Paris: Diffusion E. De Boccard, pp. 281-291.
- CARVALHO, Pedro (1998) – *O Forum de Aeminium*, Ministério da Cultura / Instituto Português de Museus.
- CORREIA, Virgílio; GONÇALVES, António Nogueira (1947) – *Inventário Artístico de Portugal – Cidade de Coimbra*, Lisboa: Academia de Belas Artes.
- CORREIA, Vergílio Hipólito (1993) – Os materiais Pré-romanos de Conímbriga e a presença fenícia no Baixo Vale do Mondego, *Estudos Orientais* 4, pp. 229-283.
- DETRY, Cleia; CARDOSO, João Luís; BUGALHÃO, Jacinta (2016) – A alimentação em Lisboa no decurso da Idade do Ferro: resultados das escavações realizadas no núcleo arqueológico da rua dos Correiros (Lisboa, Portugal), *SPAL* 25, pp. 67-82.
- FERNANDES, José Sílvio Moreira (2007) – Estrutura e função do mito de Hércules na Monarquia Lusitana de Bernardo de Brito, *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*. 9, pp. 119-150.
- FILIFE, Sónia (2006) – Arqueologia urbana em Coimbra: um testemunho da Reitoria da Universidade, *Conimbriga* 45, pp. 337-357.
- FILIFE, Sónia; TEIXEIRA, Ricardo (2013) – A intervenção arqueológica no Largo do Castelo de Coimbra: vestígios da Torre de Menagem. Abordagem preliminar dos

- resultados, in FERNANDES, I. C. (coord.), *Fortificações e território na Península Ibérica e no Magreb (Séculos VI a XVI)*, Lisboa. 1º Volume, pp. 445-456.
- FRADE, Helena; CAETANO, José Carlos (1994) – O pátio da Inquisição (Coimbra): notas histórico-arqueológicas, *Bracara Augusta: Revista de Arqueologia Urbana*, Braga, 45 (97), pp. 319-343.
- FRANKEINSTEIN, Susan (1997) – *Arqueología del colonialismo – El impacto fenicio y griego en el sur de la Península Ibérica y el suroeste de Alemania*, Barcelona: Crítica.
- GASCO, António Coelho (1805) – *Conquista, Antiguidade, e Nobreza da mui insigne, e inclita Cidade de Coimbra escriptas por António Coelho Gasco, e obras inéditas de António de Abreu [...]*, Lisboa: Impressão regia.
- HABERMEHL, Karl-Heinz (1975) – *Die Altersbestimmung bei Hausund Labortieren*, 216 S. Berlin & Hamburg.
- HORARD-HERBIN, Marie Pierre (2000) – *Dog management and use in the late Iron age: The evidence from the Gallic site of Levroux, France*, BAR International Series. 889, pp. 115-122.
- LIMA, Rodrigo Araújo (2019) – Heracles/Melqart: a face grega de uma divindade fenícia, *Hélade* 5 (2), pp. 169-183.
- MARIZ, Pedro de (1594) – *Dialogos de varia historia em que summariamente se referem muytas cousas antigvas de Hespanha c [sic] todas as mais notaaees q[ue] em Portugal acontecerão em suas gloriosas conquistas antes e depois de ser levantado a Dignidade Real, e outras muytas de outros reynos dignas de memoria: com os retratos de todos os Reys de Portugal*, Coimbra: na Officina de Antonio de Mariz.
- MARQUES, Pedro (2017) – Francisco António Rodrigues de Gusmão: a arqueologia, a epigrafia e o património, in *Arqueologia em Portugal 2017 - Estado da Questão*, Lisboa, pp. 63-73.
- MANTAS, Vasco (1983) – Alcáçova de Coimbra, *Informação Arqueológica* 3, pp. 31.
- MARADO, Luís Miguel; SILVA, Ana Maria (2016) – The mandibular molar pit-tubercle (MMPT) dental nonmetric trait: comprehensive analysis of a large sample, *HOMO - Journal of Comparative Human Biology* 67(6), pp. 462-470.
- MARIA, D. Nicolau de Santa (1668) – *Chronica da Ordem dos Cónegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho*. Primeira parte. Lisboa. officina de Joam da Costa.
- MARTINS, Filipe (2020) – *Restos faunísticos de Santa Olaia (Figueira da Foz): contribuição do património arqueofaunístico para o conhecimento da alimentação na 1.ª e 2.ª Idade do Ferro*, Tese de Mestrado, Universidade Aberta.
- NEVES, Sílvia Gonçalves (2013) – *O Crasto de Tavadede (Figueira da Foz) no quadro das problemáticas da I Idade do Ferro no Baixo Mondego*, Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiada).
- PEREIRA, Isabel (1993-94) – Casais agrícolas da Idade do Ferro na foz do Mondego – Figueira da Foz, *Conimbriga*, 32/33, pp. 75-85.

- PEREIRA, Isabel (2009) – As actividades metalúrgicas na I e II Idade do Ferro em Santa Olaia – Figueira da Foz, *Conimbriga*, 48, pp. 61-79.
- PINHO, Jorge; HENRIQUES, Susana (2019) – Existiu Ocupação Pré-Romana em Coimbra, Portugal? O Contributo da Rua Fernandes Thomaz, 72–74 para a Compreensão da Ocupação do Território de *Aeminium* na Transição da Idade do Ferro para a Era Romana, *Heritage* 2, pp. 184-206.
- PINTO, António Nunes (1993) – Escavações na Alcáçova de Coimbra. Análise de resultados, in DIAS, P. (coord.), *Actas do Colóquio «A Universidade e a Arte (1290-1990)»*, Coimbra, pp. 35-45.
- PIRES, Ana Elisabete; DETRY, Cleia; CHIKHI, Lounes; RASTEIRO, Rita; AMORIM, Isabel R.; SIMÕES, Fernanda; MATOS, José; PETRUCCI-FONSECA, Francisco; OLIVIER, Morgane; HÄNNI, Catherine; CARDOSO, João Luís; ARIAS, Pablo; DINIZ, Mariana; ARAÚJO, Ana Cristina; BICHO, Nuno; SOUSA, Ana Catarina; MORENO-GARCÍA, Marta; ARRUDA, Ana Margarida; FERNÁNDEZ-RODRÍGUEZ, Carlos; PORFÍRIO, Eduardo; MORAIS ARNAUD, José; VALENTE, Alexandra; GONÇALVES, David; ALVES, Lara; GÖTHERSTRÖM, Anders; DAVIS, Simon; GINJA, Catarina (2019) – News from Old Dogs: an archaeogenetic study of Iberian Canis: The curious case of Mesolithic Iberian dog, *Journal of Archaeological Science* 105, pp. 116-129.
- POVEDA NAVARRO, Antonio M. (1999) – Melqart y Astarté en el occidente mediterráneo: La evidencia de la península Ibérica (siglos VIII-VI a. C.), *De Oriente a Occidente: los dioses fenicios en las colonias occidentales. XII Jornadas de arqueología fenicio-púnica (Elvissa, 1997)*, pp. 25-60.
- REIMER, Paula J.; AUSTIN, William E.N.; BARD, Edouard; BAYLISS, Alex; BLACKWELL, Paul; BRONK Ramsey, Christopher; BUTZIN, Martin; CHENG, Hai; EDWARDS, R. Lawrence; FRIEDRICH, Michael; GROOTES, Pieter M.; GUILDERSON, Thomas P.; HAJDAS, Irka; HEATON, Timothy; HOGG, Alan; HUGHEN, Konrad; KROMER, Bernd; MANNING, Sturt; MUSCHELER, Raimund; PALMER, Jonathan; PEARSON, Charlotte; VAN DER PLICHT, Johannes; REIMER, Ron; RICHARDS, David A.; SCOTT, Marian; SOUTON, John; Turney, Chris; WACKER, Lukas; ADOLPHI, Florian; BÜNTGEN, Ulf; CAPANO, Manuela; FAHRNI, Simon; FOGTMANN-SCHULZ, Alexandra; FRIEDRICH, Ronny; KÖHLER, Peter; KUDSK, Sabrina; MIYAKE, Fusa; OLSEN, Jesper; REINIG, Frederick; SAKAMOTO, Minoru; SOOKDEO, Adam; TALAMO, Sagra (2020). The IntCal20 Northern Hemisphere Radiocarbon Age Calibration Curve (0–55 cal kBP), *Radiocarbon*, 62 (4), pp. 725–757.
- RODRIGUES, Adriano Vasco (1961) – *Arqueologia da Península Hispânica*, Porto: Porto Editora, Lda.
- ROSMANINHO, Nuno Rolo (1996) – *O princípio de uma revolução urbanística no estado novo. Os primeiros programas da cidade universitária de Coimbra 1934-1940*, Coimbra: Minerva Editora.
- SILVA, Ana Maria (1996) – *O Hipogeu de Monte Canelas I (IV–III milénios a.C.): Estudo paleobiológico da população humana exumada*, Trabalho de síntese, Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica. Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra.

- SMITH, B. Holly (1984) – Patterns of molar wear in hunter-gatherers and agriculturalists, *American Journal of Physical Anthropology* 63, pp. 39-84.
- TEMUDO, Susana; ALMEIDA, Sara (2012) – *Relatório Final – Acompanhamento e escavação arqueológica – Repavimentação e Remodelação de Infra-estruturas da R. Corpo de Deus/ Lrg. Capela N.ª Sra da Vitória de Coimbra* (policopiado).
- TAKESHITA, Katsushi; PETERSON, Erik.T.; BYLSKI-AUSTROW, Donita; CRAWFORD, Alvin; NAKAMURA, Kozo (2004) – The nuchal ligament restrains cervical spine flexion, *Spine*. 29 (18), pp. 388-393.
- TURNER, Cristy G.; NICHOL, Christian R.; SCOTT, G. Richard (1991) – Scoring procedures for key morphological traits of the permanent dentition: The Arizona State University Dental Anthropology System, in KELLEY, M.A. and LARSEN, C.S. (eds.), *Advances in Dental Anthropology*, New York: Wiley-Liss, pp.13-31.
- VALINHO, Alexandre; FILIPE, Sónia (2010) – *Relatório Final dos Trabalhos de Escavação Arqueológica no Largo dos Colégios - LC.09* (policopiado).
- VON NICOLAI, Caroline (2020) – The appropriation of settlement space in Western and Central Europe during the Iron Age, in DELFINO, D.; COIMBRA, F.; CARDOSO, D.; CRUZ, G. (eds.), *Late Prehistoric Fortifications in Europe: Defensive, Symbolic and Territorial Aspects from the Chalcolithic to the Iron Age* [Proceedings of the International Colloquium ‘FortMetalAges’, Guimarães, Portugal], Oxford: Archaeopress Archaeology, pp. 90-103.
- VILAÇA, Raquel (2009) – Sobre rituais do corpo em finais do II-inícios do I milénio a.C.: do espaço europeu ao território português, *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 17, pp. 489-511.
- VILAÇA, Raquel (coord.) (2016) – *O Instituto de Arqueologia. Fragmentos da sua coleção*, Imprensa da Universidade de Coimbra, <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1124-2>
- VILAÇA, Raquel; CARDOSO, João Luís; SILVA, Ana Maria (2018) – A gruta do Medronhal (Arrifana, Ega, Condeixa-a-Nova) e a sua importância arqueológica, *Actas do Colóquio de História, Arte, Arqueologia, Geografia e Etnografia. IV Jornadas de Valorização do Património Cultural e Natural de Condeixa-a-Nova*, pp. 53-65.
- VILAÇA, Raquel; RIBEIRO, João Pedro (1987) – Escavações arqueológicas na Gruta dos Alqueves (S. Martinho do Bispo, Coimbra), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 27 (1-4), pp. 27-49.

[texto escrito no antigo acordo]

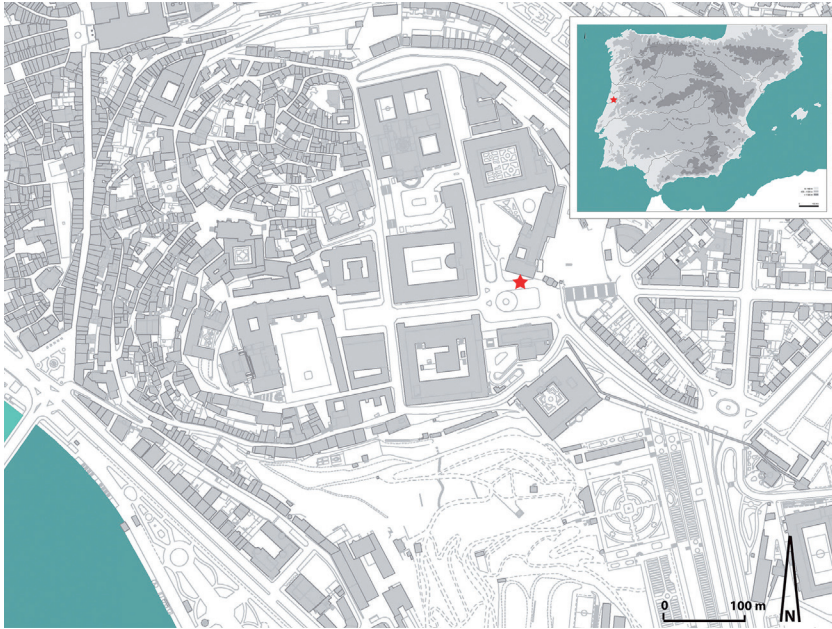


FIG. 1 – Localização de Coimbra no mapa da Península Ibérica (base: José L. Madeira) e localização do Largo de D. Dinis na planta topográfica da cidade de Coimbra.

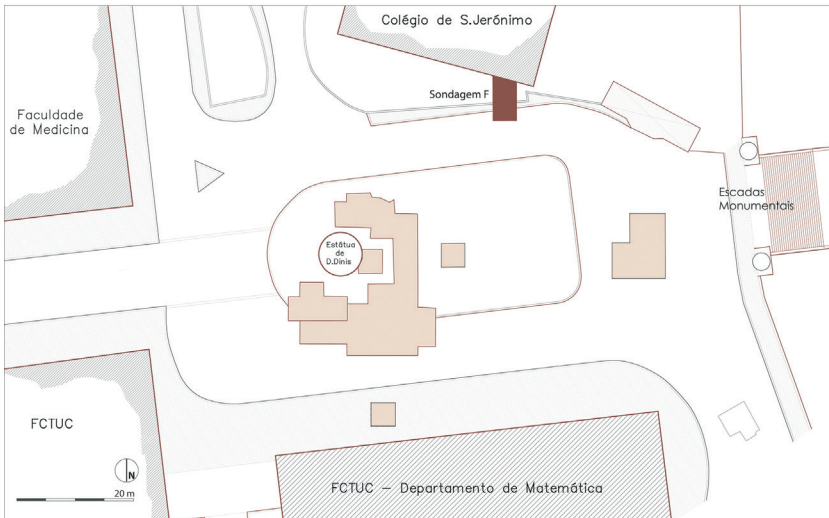


FIG. 2 – Implantação da área escavada em 2008, com sondagem F destacada, na planta de pormenor do Largo de D. Dinis.



FIG. 3 – Confronto entre a zona de implantação da sondagem F em fotografia anterior a 1947 (AAVV, 1991: 19) e em fotografia actual.

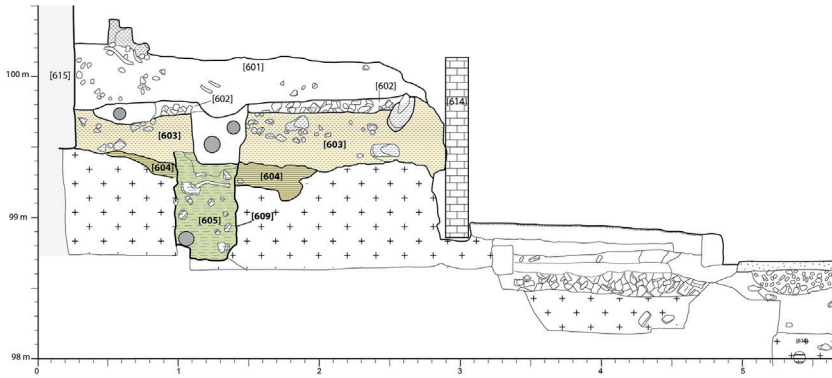


FIG. 4 – Sondagem F – perfil Este.

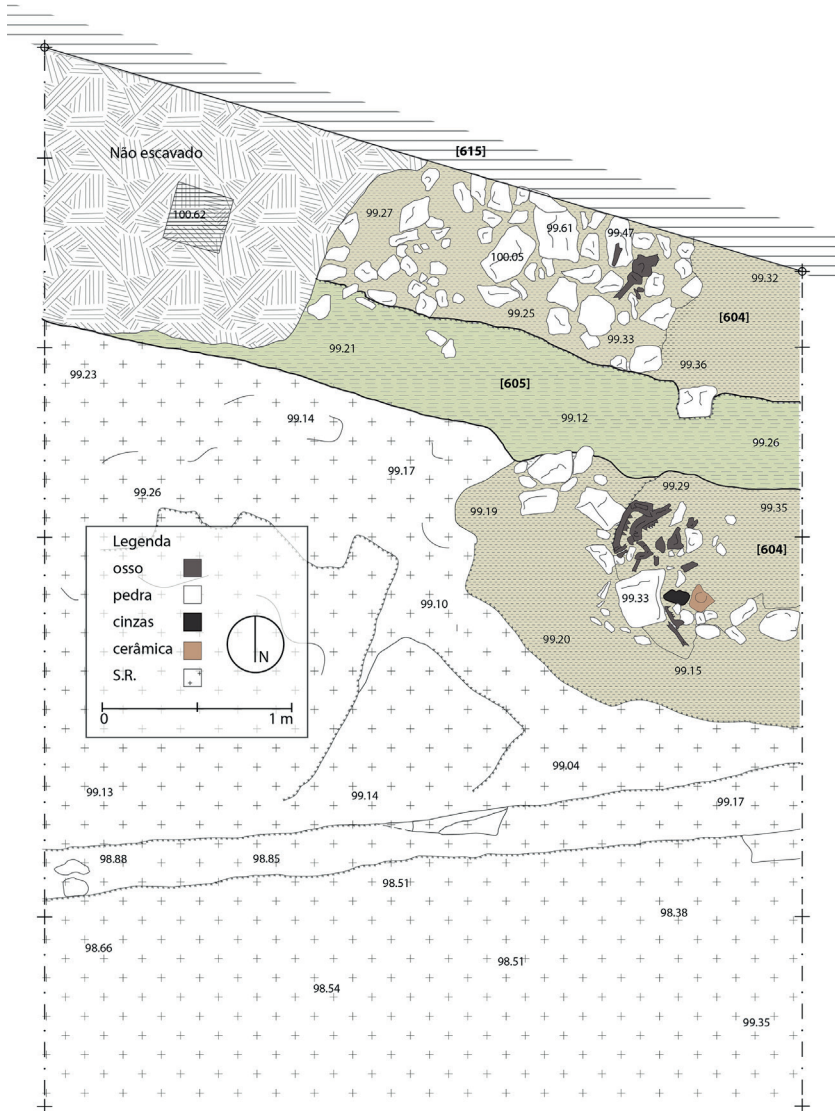


FIG. 5 – Excerto do plano 3 da sondagem F.



FIG. 6 – Aspecto do depósito [604] interceptado pela [609].



FIG. 7 – Pormenor da deposição do espólio osteológico da [604].

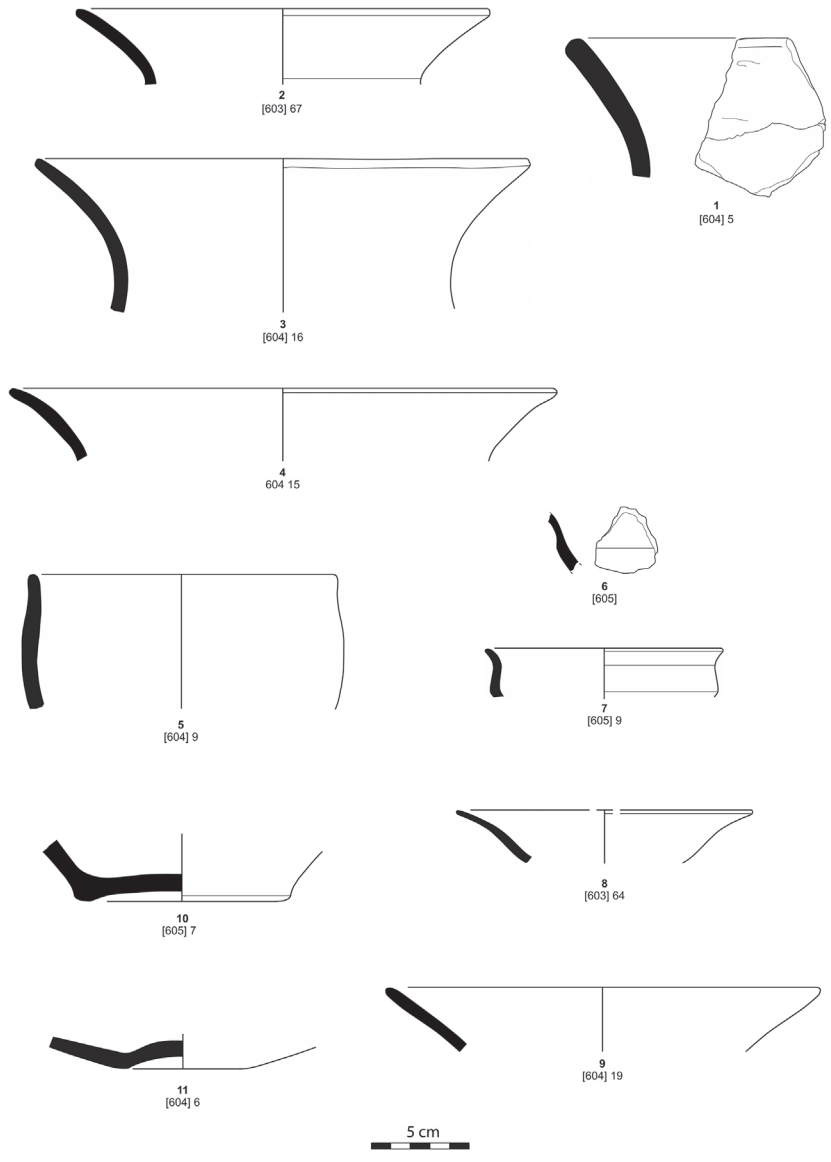


FIG. 8 – Cerâmica manual.

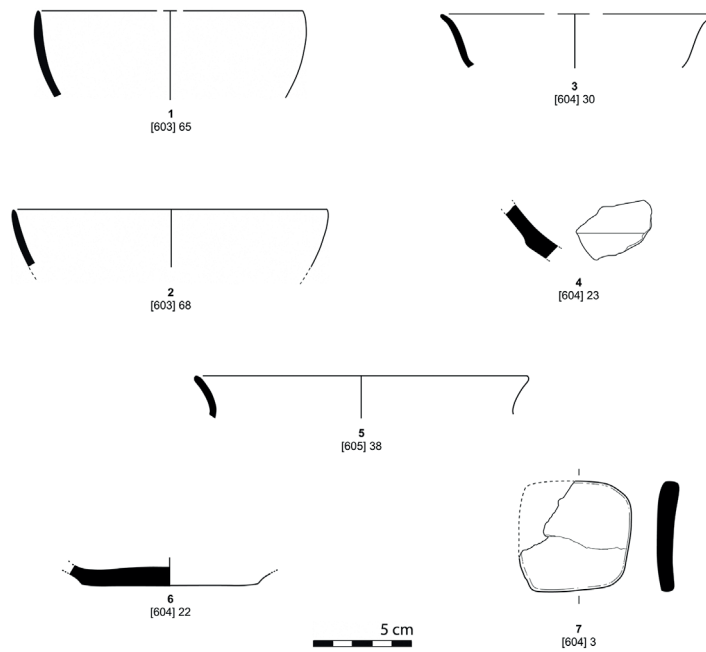


FIG. 9 – Cerâmica a torno.

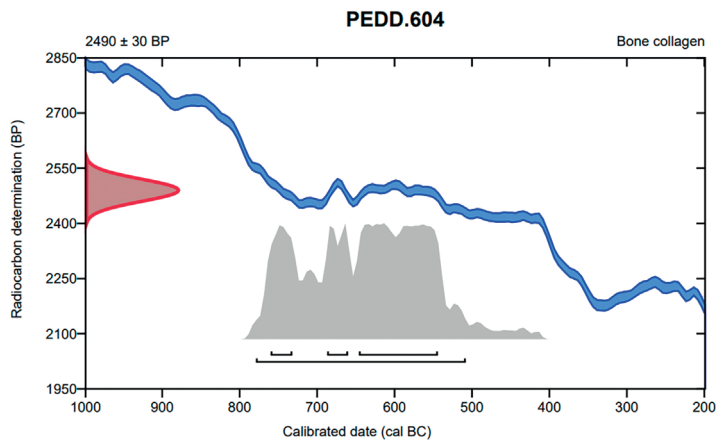


FIG. 10 – Gráfico dos resultados da datação por C14 (Database used INTCAL20).

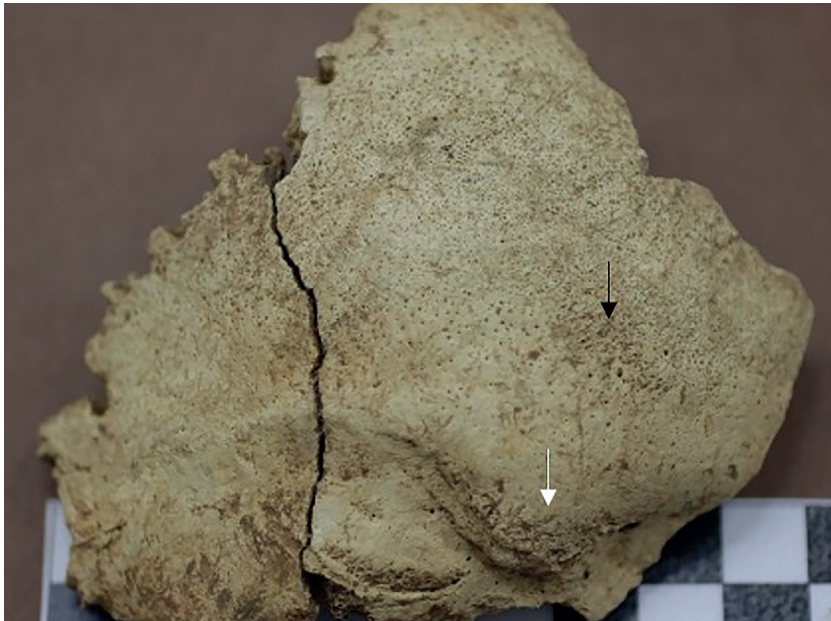


FIG. 11 – Osso occipital 604.11 pertencente à calote craniana parcialmente reconstruída com base em fragmentos cranianos recuperados das camadas 601 e 604. Esta terá pertencido a um indivíduo adulto maduro do sexo masculino. A seta branca evidencia a região do inion com crescimento ósseo acentuado e a seta preta, hiperostose porótica activa.

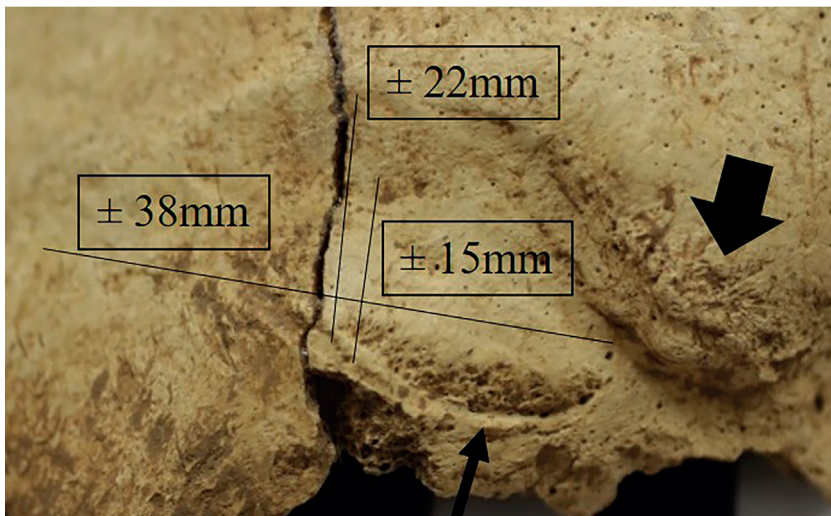


FIG. 12 – Pormenor da depressão observada no lado esquerdo do osso occipital pertencente a um indivíduo adulto maduro do sexo masculino. A seta grande destaca a região do inion, onde é perceptível um crescimento ósseo acentuado e a seta pequena, o crescimento ósseo descrito na margem inferior da depressão detectada.

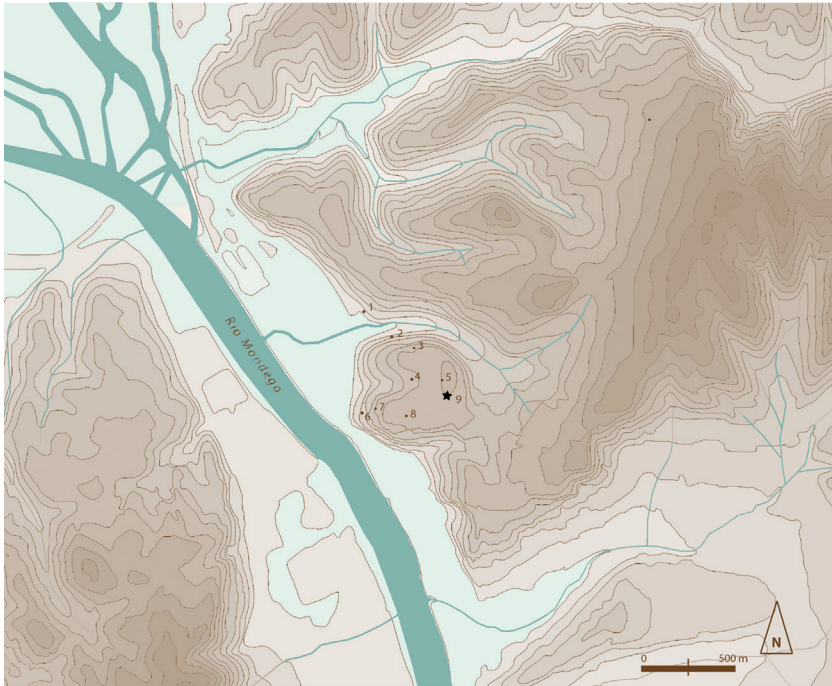


FIG. 13 – Indicação dos principais núcleos de achado na colina genética de Coimbra (base: José L. Madeira). 1 – Pátio da Inquisição; 2 – R. Corpo de Deus; 3 – R. Couraça dos Apóstolos; 4 – Museu Nacional Machado de Castro; 5 – Largo dos Colégios; 6 – R. Fernandes Tomás; 7 – Casa das Cruzes; 8 – Paço das Escolas; 9 – Largo de D. Dinis.

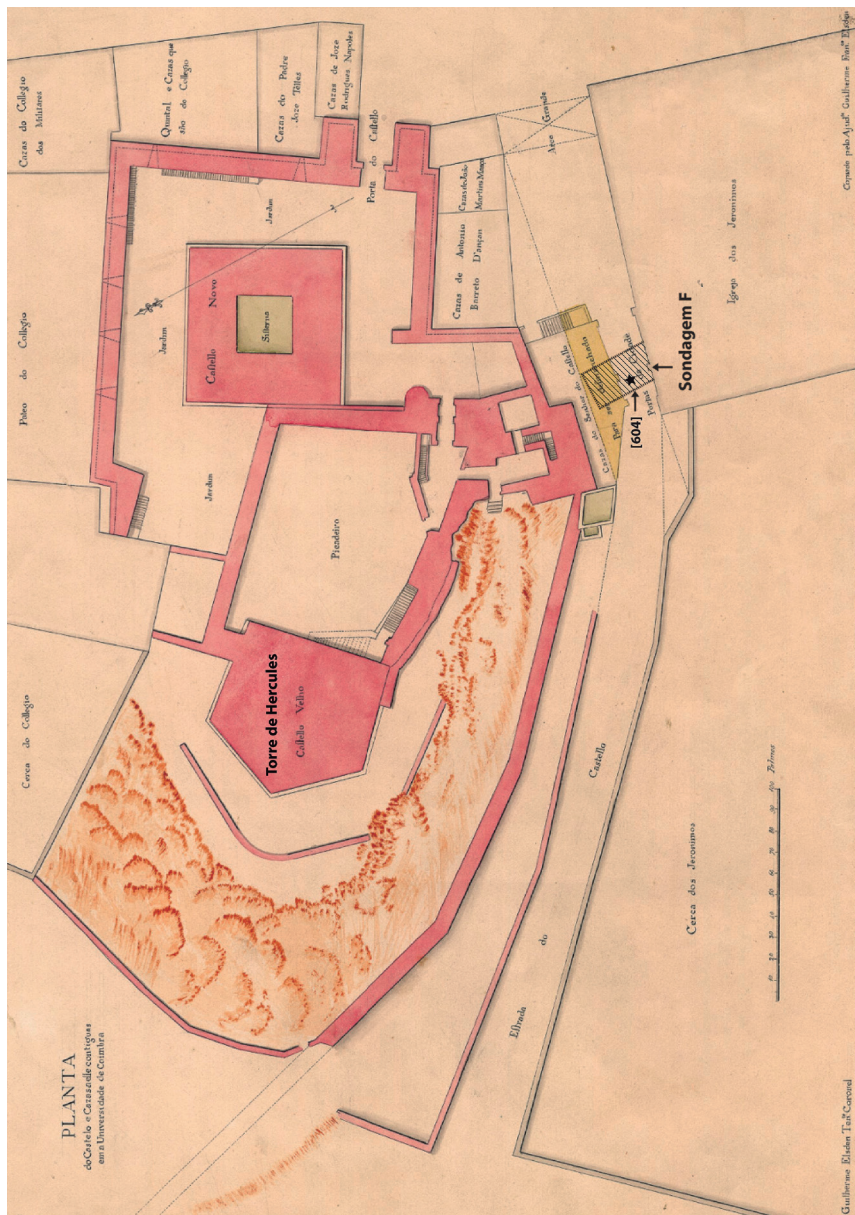


FIG. 14 – Implantação da sondagem F, com indicação do depósito [604] na zona indicada como “Portas da Cidade” na Planta do castelo e casas a elle contíguas em a Universidade de Coimbra levantada por William Elstner no séc. XVIII, disponível em <https://am.uc.pt/item/49245>. Colocação nossa da referência a “Torre de Hercules”.